Análise crítica

do livro

**Pregação Reformada:** proclamando a palavra de Deus do coração

do pregador para

o coração do

povo de Deus

de Joel R. Beeke

Edição do Kindle

Trabalho apresentado por Júlio César Heleno Gomes ao Professor José Roberto da Silva como requisito para conclusão da disciplina PR 403 – Homilética do curso B.B.S. - Bacharelado em Estudos Bíblicos, da FITRef – Faculdade Internacional de Teologia Reformada.

Brasília, 22 de abril de 2021

**Algumas citações importantes sobre pregação expositiva**

“A pregação expositiva é doutrinariamente sadia, profundamente pessoal eficientemente prática... pregação da Reforma, que envolve a mente, o coração e as mãos como o meio permanente de proclamar as Escrituras.” John McArthur (p. 1)

“Vontades, afeições, vidas, igrejas e comunidades inteiras foram transformadas quando a proclamação da Palavra de Deus foi além da mente e atingiu o coração.” Mark G. Johnston (p.1)

“Sermões que são fiéis em sua exposição e aplicação aos ouvintes, ricos em conteúdo evangélico, focalizados em Cristo e cuidadosamente evangelísticos em seu chamado a que pecadores se arrependam e se rendam a Jesus Cristo – isto é pregação reformada.” Geoffrey Thomas (p. 2)

“Pregar é mais do que simplesmente um relato verbal de um livro; é um meio ordenado por Deus para a sua verdade afetar os corações e a experiência dos ouvintes.” Michael, P. V. Barret (p. 5)

“... descobrir o que significa um sermão oferecer tanto luz quanto fogo e a aprender como pregar o evangelho como alimento para os famintos e não como sobremesa para os merecedores.” Chad, Van Dixhoorn (p. 8)

A pregação é, “instrumento assustador, maravilhoso, misterioso, romântico, empolgante e humilhante que Deus tem usado no decorrer dos séculos para chamar homens e mulheres, pessoas jovens, rapazes e moças pecadores à fé em Jesus Cristo.” Sinclair B. Ferguson (p. 17)

“... a pregação que é não apenas biblicamente doutrinária, pactual, histórico-redentora e prática, mas também bíblica e calorosamente experiencial em suas dimensões de aplicação e discriminação, para a edificação da igreja universal.” (p. 24)

Pregação reformada experencial definida e descrita

 **O que é pregação reformada experencial?**

 Idealista, realista, otimista, discriminatória (deve distinguir cristãos e não cristãos), aplicável, bíblica, doutrinária, prática.

 “A verdade do evangelho não atinge seu alvo enquanto não produzir amor.” (p. 27)

O autor nos fala de dois abusos: o que enche a mente e não o coração e o que faz o contrário disso. E a forma de uma pregação ser reformada experencial é quando o seu conteúdo enche tanto o coração quanto a mente, criando, pelo Espírito Santo, raízes de amor nos corações.

 O âmago da pregação reformada experencial não é a estética, informativa, emocional ou moralista. Embora todos esses itens componham uma pregação reformada experencial, a “pregação reformada experiencial usa a verdade da Escritura para resplandecer a glória de Deus nas profundezas da alma, chamando as pessoas a viverem única e totalmente para Deus.” (p. 27)

 Experimental tem a ver com “tentar provar ou testar”. Mas isso não tem a ver com testar a Bíblia, mas com testar-nos pela Bíblia. Tem a ver com a nossa experiência pessoal das verdades da Palavra de Deus, testando-as novamente pela Bíblia e “Leva a verdade ao coração para mostrar o que nós somos, onde estamos em nosso relacionamento com Deus, como precisamos ser curados e onde precisamos chegar.” (p. 29)

 “A pregação reformada experiencial explica como as coisas deveriam ser na vida cristã (o ideal de Romanos 8), como elas realmente são nas lutas cristãs (a realidade de Romanos 7) e o alvo supremo no reino de glória (o otimismo de Apocalipse 21-22)” (p. 29), tudo isso com a finalidade de dar orientação e instrução, com simpatia, nas experiências, esperanças e temores atuais.

 A pregação reformada experencial também deve se atentar à condição espiritual e a maturidade espiritual dos ouvintes (p. 31), manejando a Palavra de tal forma que atinja os homens fortes, espiritualmente falando, e também às crianças em Cristo, de fazer aplicações específicas a relapsos, mundanos, aflitos e crentes fracos.

 A discriminação é um conceito importante na pregação reformada experencial pelo motivo de delimitar o espaço da igreja e do mundo, separando também os falsos pregadores, dos crentes verdadeiros, levando em consideração, inclusive, as diferentes profissões dos ouvintes. Tudo isso com a finalidade de aplicação pessoal que leve o ouvinte a se distinguir pelas marcas categóricas da Escritura.

 “Os ministros precisam ajudar os ouvintes a examinarem corretamente a si mesmos.” ... “os pregadores devem apresentar frequentemente a seu povo as marcas bíblicas daqueles que foram nascidos de novo e vieram a Cristo por meio da fé salvadora e de arrependimento genuíno.” (p. 33)

 “A graça deve ser oferecida indiscriminadamente a todos (Mt 13:24-30). Mas os atos, as marcas e os frutos divinos da graça que Deus opera em seu povo devem ser explicados para encorajar os eleitos a conhecerem corretamente a si mesmos e revelar as falsas esperanças dos hipócritas.” (p. 34)

 “Os pregadores têm de ser honestos com todas as pessoas e se esforçar para colocá-las diante do padrão da Escritura Sagrada.” (p. 35)

 “A pregação experiencial ... aplica o texto a cada aspecto da vida dos ouvintes, promovendo a religião que é não somente uma “forma de piedade”, mas também o “poder” de Deus (2 Tm 3:5)” (p. 35), entendendo que o cristianismo deve ser também sentido, desfrutado e aplicado direta e vigorosamente.

 A aplicação é obra do Espírito Santo e deve ser auxiliada com uma pregação aplicada, ajudando o ouvinte a entender o que fazer e como fazer.

 Uma aplicação franca da verdade bíblica desdobrará em e um preço a ser pago.

 “Pregadores, exorto-os a lembrar que não devemos falar diante do povo, mas para o povo ... E aqueles que temem a Deus desejarão que a Palavra de Deus seja administrada de maneira pessoal à sua vida.” (p. 38)

 “A pregação experiencial enfatiza o conhecimento pessoal e íntimo de Deus em Cristo.” (p. 39)

 “Thomas Bradbury (1677-1759): “A religião é doutrinária na Bíblia; experimental, no coração; e prática, na vida.” (p. 39)

 “A doutrina é o tronco; a experiência, os ramos; a prática, o fruto.” p. 40

 Num resumo, “a pregação reformada experiencial tem o alvo de juntar as dimensões doutrinária, experiencial e prática como um todo unificado.” (p. 40)

A pregação reformada experencial não é centrada no indivíduo, “esta paixão por comunhão com o Deus trino significa que a pregação experiencial não somente atinge a consciência do crente, mas também seu relacionamento com os outros na igreja e no mundo” (p. 41) não sendo assim, autocentrada.

“Um crente instruído desta maneira não pode deixar de ser evangelista, porque a experiência cristã vital e um amor por missões são inseparáveis.” (p. 41) Uma igreja instruída assim será evangelizadora, com pessoas que valorizam e compartilham a verdade.

“Onde Cristo é verdadeiramente conhecido como Salvador, também é servido como Senhor. Com a bênção do Espírito, a missão é transformar o crente em tudo que ele é e faz, para que se torne cada vez mais semelhante a seu Salvador.” (p. 42)

“A pregação experimental envolve examinar a experiência à luz da Palavra de Deus.” (p. 42)

 No experiencialismo, a experiência torna-se salvadora. Não é o que a pregação reformada experencial deseja ser. A pregação não é a da experiência, mas a do Senhor Jesus com bases na Bíblia.

**Exemplos de pregadores experenciais**

“A Palavra de Deus é pregada muito frequentemente de uma maneira que não pode transformar os ouvintes, porque o pregador não discrimina, nem aplica.” (p. 45)

A “religião vital: como um pecador tem de ser despido de sua justiça própria, atraído a Cristo para a salvação e levado à alegria da dependência simples de Cristo.” (p. 45)

A pregação experencial é “um exercício espiritual que satisfaz o apetite da alma.” (p. 46)

Pregar de coração para coração envolve a experiência, não só a teoria.

“Um aspecto crucial da pregação experiencial reformada é que o conhecimento de Deus humilha o pregador e aqueles para os quais ele prega.” (p. 49)

Uma definição provisional é que “a pregação experiencial reformada é a pregação que aplica a verdade de Deus ao coração das pessoas para mostrar como as coisas deveriam ser, como realmente são e, em última análise, como serão na experiência do cristão no que diz respeito a Deus e a seu próximo – incluindo os membros de sua família, os membros de sua igreja e pessoas no mundo ao seu redor.” (p. 51)

Há diferença entre experimental e experencial? Há diferença na raiz e significado das palavras. Experimental quer trazer a ideia de experimento, enquanto experencial quer fazer referência direta à experiência. Cada uma tem seus prós e contras, mas a experencial é a que melhor denota a intenção da pregação reformada experencial.

“A fé é a raiz da experiência; e a experiência é a fruição da fé.” (p. 60)

 “O alvo da pregação experimental ou experiencial é conhecer o Senhor pessoalmente, de uma maneira que é verdadeira à sua Palavra.” (p.61)

 A Bíblia é o parâmetro para toda experiência.

Por que a dimensão experencial da pregação é necessária?

 Porque é ordem bíblica, demonstrada por Paulo a Timóteo. (p. 64)

 Porque é exemplo bíblico. A Bíblia exemplifica esse tipo de pregação no texto de Jesus sobre as bem aventuranças. Em Romanos, outro exemplo, agora de Paulo, sobre sua aplicação. (p. 66 e 68) O Antigo Testamento também mostra exemplos de pregação experencial. (p. 68 e 69)

 Porque “a religião verdadeira é mais do que noções na mente ou ações do corpo.” (p. 69)

 Porque a fé salvadora é “fé salvadora é uma “fé que atua pelo amor” (Gl 5:6) e não uma fé sem “obras” que, portanto, é “morta” (Tg 2:17).” (p. 70)

Aplicando a Palavra, falamos ao coração e não somente à mente. (p. 65)

**Principais elementos da pregação reformada experencial**

 Depois de se afastar muito da Bíblia, Deus produziu a Reforma, se utilizando de homens para fazer o caminho de volta. (p. 74)

 “O pregador deve sempre estar procurando crescer em seu entendimento do panorama da verdade bíblica.” (p. 76)

 A centralidade em Jesus é uma marca da pregação reformada.

 “A fé reformada nos convida à doce comunhão com o Deus trino, por meio do sangue do Salvador fiel.” (p. 78)

 Pregar a soberania de Deus “é proclamar a soberania de Deus na criação, na providência, na graça e na glória.” (p. 82)

 “Em Cristo, a soberania amorosa e paternal do Deus das Escrituras é amplamente diferente da insensível e caprichosa soberania de outros “deuses”.” (p. 84)

Na espiritualidade reformada, não há separação entre espiritual e não espiritual, a espiritualidade reformada é “uma busca de santidade na vida pessoal, eclesiástica e nacional.” (p. 85)

 “A pregação experiencial coincide com o viver santo. É impossível separar o viver piedoso do verdadeiro ministério experiencial ... Os únicos instrumentos de pregação experiencial são pregadores experienciais.” (p. 86)

 A santidade do pregador se manifesta em três características: São crentes evangélicos que temem a Deus; Amam manifestadamente as pessoas para as quais ministram; e sua vida manifesta os frutos de uma experiência crescente com Deus. (p. 87)

 A pregação reformada experencial cultiva na vida do povo a espiritualidade em diferentes aspectos: da Palavra; de orar os salmos; do Dia do Senhor; de obras de misericórdia; da mordomia; de meditar nos caminhos de Deus; de evangelização e missões; da comunhão piedosa; e de obediência piedosa. (p. 90 a 97)

 “A pregação reformada é a proclamação da verdade reformada que resulta em favor da espiritualidade reformada. Devemos pregar todo o desígnio de Deus revelado na Escritura e resumido nas grandes confissões e catecismos reformados.” (p. 97)

 O coração de um pregador experencial é fervoroso (p. 102), de oração (p. 105), autêntico (p. 107) e está em crescimento (p. 111).

 “Andar com Deus nos leva por um caminho árduo, com muitos altos e baixos. Uma pessoa piedosa pode experimentar tempos de alegria indizível e paz que excede todo entendimento.” (p. 113)

 A originalidade de um pregador tem a ver com a questão de que “Ele deu a você uma personalidade e o moldou por meio de suas experiências.” (p. 115)

 Um pregador decrescente em sua vontade própria

 “Spurgeon disse: “Não cobiçamos a vida de vontade do ego; em vez disso, ansiamos pelo espírito de negação do ego; sim, de aniquilamento do ego, que Cristo viva em nós e que nosso velho Ego, o eu carnal, seja completamente morto. Eu quero ser tão obediente ao meu Deus quanto os primogênitos da luz, seus mensageiros de chamas de fogo”.” (p. 118)

 Um pregador que tem prioridades – a oração e ao ministério da Palavra

 “O fato é que os pastores levam fardos imensos, e as igrejas têm frequentemente expectativas elevadas quanto a eles.” (p. 119), mesmo assim, Atos 6 nos mostra a questão da prioridade correta.

**Da antiguidade à contemporaneidade**

 **Pregação reformada experencial ilustrada**

“Pregar era tão central na ordem ministerial reformada, que aqueles que pregavam eram frequentemente designados apenas como “ministro da Palavra” ou “pregador do evangelho” ... Os cultos reformados chegaram a ser chamados “pregações” ou “sermões”. Era comum alguém perguntar: “Você vai ao sermão?” ou: “Você vai à pregação?”” (p.127/128)

**Zuínglio**

Disse que não foi muito influenciado por Lutero, porque estavam passando pelas mesmas coisas ao mesmo tempo e chegando às mesmas conclusões independentemente.” (p. 129/130)

“Ele popularizou no início da Reforma aquilo que é chamado lectio continua, que significa “leitura pública contínua”, o que hoje chamaríamos de pregação expositiva do texto da Escritura em ordem sequencial.” (p. 130)

“O estilo de pregação de Zuínglio era um método de homilia que se assemelhava à pregação dos pais antigos. O ministro subia ao púlpito e começava a pregar no lugar em que havia parado na última vez. Não tinha necessariamente um tema ou pontos. Continuava a pregar até que seu tempo acabasse, fazia uma ou duas aplicações e iniciava ali na próxima vez. Em geral, num sermão eram cobertos de dois a quatro versículos do Novo Testamento ou de quatro a sete versículos do Antigo Testamento.” (p. 130)

“Seu caráter nobre, seu compromisso firme com a autoridade da Escritura e sua propagação diligente da reforma evangélica na pregação e no culto, mais do que seus escritos, fizeram dele um dos mais cativantes líderes iniciais da Reforma. Era um pregador muito popular.” (p. 130/131)

“A coisa mais admirável sobre Zuínglio – e é difícil captarmos a empolgação das pessoas a respeito disso – é que, quando as pessoas diziam umas às outras: “Ele prega a Bíblia!”, isso era incomum e sem precedentes na experiência delas.” (p. 131)

Os elementos que se destacam na pregação de Zuínglio e de seu assistente Bullinger eram: 1. Ênfase forte e explícita na pessoa do Espírito Santo; 2. Enfatizava o grande princípio de sola scriptura; 3. Centrada em Cristo. (p. 134-138)

**Johannes Huszgen (Oecolampadius)**

“Lâmpada da casa”, seu sobrenome latinizado e “uma das âncoras da Reforma” eram nomes pelos quais ele era chamado.

“Sua liderança forte, combinada com uma evitação diplomática de controvérsia desnecessária, contribuiu para unificar e promover a Reforma em Basileia.” (p. 141)

Suas obras tiveram impacto profundo na teologia de Calvino (p. 141)

Usava quatro temas em suas pregações experenciais: 1. Expunha o mal; 2. “Lembrar da consumação impele uma alma em direção à piedade”; 3. Encorajamento à piedade pessoal; e 4. A pregação é a proclamação pessoal de Cristo. (p. 142 e 143)

**Pregadores da Reforma**

**Calvino**

Para ele, a pregação era a “mais excelente de todas as coisas” (p. 147) e o meio comum e normal de Deus para a salvação e benção (p. 147).

Ele usa conceitos de ministro interno (o Espírito Santo) e ministro externo (o pregador) para enfatizar que a pregação é a boca de Deus ao homem.

Acreditava que Palavra e Espírito caminham juntos. (p.147)

Ensinava sobre ouvir corretamente a Palavra de Deus. (p. 148)

O sistema que ele estabeleceu enfatizava a pregação (p. 149)

Sua pregação era exposição bíblica à luz da gramática e da história juntada a aplicações à vida dos ouvintes (p. 150)

“Ele escreveu que ministros são “guardiães da verdade de Deus; isso quer dizer, de sua preciosa imagem, daquilo que diz respeito à grandeza da doutrina de nossa salvação e da vida do mundo”.” (p. 150)

Pregava de memória, razão pelo qual não temos sermões escritos (p. 151).

 Seus sermões eram de 4 ou 5 versículos no AT ou de 2-3 do NT, durando até 40 minutos. Fazia pausas longas para que seus ouvintes refletissem. Eram pregações abundantes em aplicação, usando ¾ do tempo para isso, mas com aplicações curtas e pungentes. (p. 151)

 Seu estilo era claro e inequívoco, evitando sempre a retórica. (p. 151)

Sua ênfase na piedade na pregação se dava ao ponto que cria em que a verdadeira religião é a comunhão entre Deus e o homem. Chama de “revelação” a atitude em relação ao homem e de “piedade” a resposta obediente do homem em relação à revelação. Sua pregação tem a finalidade de promover a piedade. (p. 152-153)

Calvino valoriza a experiência que está alicerçada na Escritura (p. 154), mas que tem limitações importantes: a ausência das Escrituras na sua avaliação (o que considera apenas sentimentos vagos) e a questão do coração humano corrompido. (p. 155)

A experiência ou senso de fé é também inseparável do ministério do Espírito Santo (p. 156), não sendo capacidade do próprio crente. Ele acredita na verdade objetiva (a parte que se entende e se explica) e na verdade subjetiva (a parte que não se entende completamente e é difícil de explicar).

“A verdadeira experiência sempre leva à verdadeira comunhão e à praxis pietatis, à prática da piedade.” (p. 157)

“À semelhança de Lutero e Zuínglio, Calvino disse que a fé nunca é apenas assentimento (assensus), mas envolve também conhecimento (cognitio) e confiança (fiducia).” (p. 158)

Estabeleceu uma dicotomia entre o que se é e o que se deveria ser (p. 163) e derivou quatro pontos para esclarecer as possíveis contradições na sua explanação de que os fiéis tem segurança, mas vacilam e tremem. (p. 161-165)

“Calvino era um exegeta cuidadoso, um expositor hábil e um aplicador fiel da Palavra.” (p. 150)

**Beza**

Sucessor de Calvino, foi convertido após passar por uma crise de coração, mente e corpo. Produziu variados tipos de literatura, além de teológica. Foi polemista e defendeu a Reforma. (p. 174-175)

 Suas pregações duravam 60 minutos, marcados por ampulheta (p. 177), pregava textos do AT e NT, sempre levando em conta de que os sacramentos não funcionam separados da Palavra (p. 178)

Entendia que “a vocação de um pastor era partilhar conhecimento, mas não à maneira de um professor de Teologia.” (p. 179), devendo cuidar de seu rebanho, aplicando as verdades às almas, devendo ser um discípulo sincero de Cristo e um estudante cuidadoso da Bíblia (p. 181)

Sua pregação era direta e aplicada (p. 183)

“Beza era caloroso, pastoral, simples e evangelizador.” (p. 179)

**Pregação Puritana**

Os puritanos procuravam reformar a Igreja e a vida diária das pessoas, recebida com alegria, sendo transformadora (p. 188), entendendo que a pregação é a principal obrado ministro e o principal benefício dos ouvintes. (p. 189)

Usavam cinco aspectos para influenciar as pessoas por meio da pregação: 1. Reformar a própria pregação; 2. Fazer palestras; 3. Profetizações (exercícios piedosos), um tipo de conferência bíblica; 4. Impressão e publicação dos sermões; e 5. A pregação tomou forma de treinamento ministerial para uma boa pregação. (p. 191-194)

“John F. H. New comenta: “A pregação, por boca ou por caneta, era vida para os puritanos””, pregando Cristo de forma bíblica, doutrinária e tipologicamente, preparando-se para a pregação, pregando primeiro para si mesmos, amando o ato de pregar e as pessoas (p. 194 – 196)

Os puritanos e os anglicanos tinham algumas questões entre si. Para os puritanos, a pregação deve atingir a mente com clareza, confrontar a consciência, cortejando o coração amorosamente. (p. 197-198)

Os puritanos acreditavam na pregação simples (não anti-intelectual), com início (conteúdo exegético e expositivo), meio (conteúdo doutrinário e didático) e fim (aplicação). (p. 199) Era uma pregação bíblica, com doutrinas claras e Cristocêntrica, tendo como alvo a transformação. (p. 200-201)

Acreditavam que a pregação é inseparável do estilo de vida do ministro. Ministros que deveriam depender profundamente do Espírito Santo, buscando santidade, e dedicando-se à oração (p. 202-203)

**Perkins**

É o pai do puritanismo, sendo seu principal pregador. (p. 209) Também chamado de pai do pietismo e de calvinista escolástico elevado. (p. 226) Escreveu um manual sobre pregação. (p. 218) Tinha dons excepcionais de pregação e habilidade de utilizar teologia simples para alcançar pessoas comuns. (p. 210)

Foi um dos pensadores da predestinação (p. 211). “Perkins acreditava que a predestinação é o meio pelo qual Deus manifesta a glória da Divindade fora de si mesmo para a raça humana” (p. 212), entendendo que o processo da predestinação acontece quando se ouve corretamente a Palavra, se quebranta o coração, produzindo fé salvadora. (p. 213) Seguindo-se agora os processos de santificação e glorificação (p. 214-215)

“Para Perkins, a salvação é um dom sobrenatural dado por Deus para capacitar o pecador a apropriar-se de Cristo com todas as suas promessas de salvação.” (p. 214)

“Perkins via a pregação como o “poderoso braço de Deus” para atrair os eleitos ou a carruagem na qual a salvação vem cavalgando até o coração dos homens.” (p. 216)

 Sua definição de discriminação sugere que os homens podem ter sete divisões, entre critérios como crença e educação. (p. 223-224)

**Rogers, Sibbes e Preston**

Eram membros da irmandade de Perkins. (p. 231)

Rogers “era um homem de grande erudição e muita piedade, humilde e pacífico em sua conduta”, não era conformista. Pregou sermões práticos no livro de Juízes (p. 232), reformando a doutrina da predestinação (p. 233) Escreveu sobre 7 tratados para uma fé salvadora (p. 236), criando um padrão e influenciando a muitos. (p. 237)

Sibbes possuía uma pregação piedosa e uma conversa espiritual, treinou muitos, focando sua pregação em Cristo de modo experencial. (p. 238-239) Defendia missões mundiais (p. 240) e entendia a pregação como instrumento para a aplicação da redenção. (p. 241). Sibbes disse: “A Palavra de Deus é pregada não para nos ensinar totalmente, e sim, quando o Espírito a acompanha, para operar graça necessária para fortalecer-nos em nosso homem interior (2 Co 4:16)”. (p. 243)

Preston levantou outros pregadores e influenciou a muitos. Morreu com 45 anos e deixou um legado de sermões escritos. (p. 245) “A pregação de Preston era mais tópica e mais organizada em categorias e questões teológicas do que as exposições bíblicas, versículo por versículo, de João Calvino.” (p. 246)

O diretório de Westminster zelou por um culto bíblico e espiritual, sendo dirigido somente pelas Escrituras (p. 254), entendendo que a pregação deveria ser vivida em estágios, insistindo que o homem de Deus deve continuar a ler e a estudar a Bíblia (p.259), servindo a Cristo de modo doloroso e não negligente, claro, fiel, sábio, solene, afetuoso e sincero. (p. 266-269) Cada sermão deve apresentar um texto da Escritura (p. 258-259), mostrando a doutrina e fazendo uma aplicação (p.262), sendo em seis usos descritivos. (p. 262-264)

**Goodwin e Shepard**

“Goodwin era um pregador afetuoso e profundamente Cristocêntrico” (p. 278), pregando muito em Hebreus (p. 280), mas também se utilizou de outras Cartas e do Apocalipse. (p. 285)

Shepard pensou em seis princípios para atingir principalmente as afeições (p. 289), acrescentando mais três princípios, posteriormente (p. 290) e apresentou, mais adiante, 10 artifícios de segurança (p. 290-295).

**Bunyan**

Tinha grande temor a Deus e esperança em seu amor, (p. 300) amando a pregação (p. 304) e zelando fervorosamente pelas almas dos fiéis (p. 306). Entendia a Bíblia como a palavra de Deus, inerrante e acreditava que crer na Palavra era um ato de adoração (p. 308).

Pregava para as necessidades da igreja e olhava o julgamento vindouro (p. 311). Sua pregação era Cristocêntrica (p. 324), pregava com o coração, inclusive com suas percepções sobre suas emoções (p. 311-316), colocando os ouvintes como participantes e não apenas expectadores (p. 317), encorajando o autoexame e à resposta a pregação (p. 320), apelando, inclusive com seus quadros pintados durante a pregação (p. 321).

A reforma holandesa posterior, também chamada de segunda Reforma (p. 333) foi “em alguns aspectos, ... mais puritano do que o próprio puritanismo inglês” (p. 334), reivindicando “ortodoxia, crenças bíblicas e espiritualidade vigorosa e pessoal que produz obediência prática e vital”, tendo como fundamentos as definições de fé e boas obras formuladas sob perguntas (p. 335).

Para eles, o ministro verdadeiro, chamado de consolador evangélico (p. 377), “é uma pessoa dotada e chamada pelo Senhor, “que busca ganhar almas para o reino e as pastoreia no poder de Cristo, por servir com amor, seriedade e fidelidade em todas as áreas de seu serviço” (p. 336), orando fervorosamente por ele mesmo e por sua igreja “e pregar as Escrituras com discernimento fiel e demonstração do “Espírito e poder”.” (p. 336)

O Sínodo de Dort foi convocado para resolver questões controversas da Remosntrância (composto de 5 pontos) (p. 339-340), sendo respondidos com 5 refutações. O Sínodo foi finalizado com 3 declarações (p. 343-344).

 A pregação faz uma oferta sincera de Cristo aos homens, permanecendo, a eleição, em segredo até produzir o fruto da conversão (p. 347).

**Teellinck, van Lodenstein e a Brakel**

Teellinck, o pai da Reforma Holandesa Posterior (p. 357), mesmo tendo morrido aos 50 anos (p. 359), era sério e focava na prática da piedade (p. 360). Seus sermões sondavam a experiência humana (p. 361), oferecendo consolo e abordava os eventos correntes, sendo práticos (p. 362) e simples (p. 363).

 “Van Lodenstein era sensível, cuidadoso e musical. A piedade foi seu alvo desde a juventude.” (p. 364). Pregava a santidade vital em união com Cristo (p. 366), incentivando a contínua reforma (p. 367). As características observadas em suas pregações eram “(1) ele era bíblico; (2) era fiel às confissões reformadas; (3) falava com grande autoridade; (4) pregava profeticamente; (5) enfatizava o arrependimento; (6) desencorajava a observância de dias de festa da igreja.” (p. 368)

 Brakel era filho de pastor reformado (P. 371) e pregador entusiasta da verdade vivificante (p. 373). Escreve um livro com orientações aos pregadores (p. 373-375). Apenas 15 sermões escritos dele foram obtidos (p. 375).

Depois da Reforma Holandesa posterior (p. 380), Frelinghuysen foi o catalizador do Grande Avivamento. Após gerar facções (p. 383), a controvérsia se estendeu por vários anos (p. 385). Sua pregação era ricamente bíblica (p. 385), com chamados complacentes à conversão (p. 386). Era excelente em distinguir a verdadeira da falsa religião (p. 391). Utilizava um método que poderia extrapolar a Bíblia, o que era uma preocupação (p. 395).

 No Século XVIII, alguns cristãos de fala inglesa, também foram influenciadores.

 Thomas Halyburton é conhecido por três grandes obras (p. 400). Apresenta a doutrina do pecado em princípios (p. 402), explicando o horror pecado em algumas considerações (p. 403-404), pregando “uma rica mensagem de miséria, livramento e gratidão. Sua pregação era altamente estruturada e organizada, mas ele não era teorista” (p. 407) porque ele mesmo passara por testes e tentações profundas, mas perseverava.

 Jonathan Edwards foi o pregador mais famoso da história na América Latina (p. 407), viu o Grande Avivamento e “escreveu tanto para defender o avivamento quanto para discernir a verdadeira religião operada pelo Espírito de suas falsificações não salvadoras.” (p. 408) É conhecido pelo seu sermão “pecadores nas mãos de um Deus irado” (p. 409), mas focava sua pregação experencial na oferta gratuita do evangelho (p. 410), produzindo 5 argumentos para convencer pecadores (p. 411-412), concluindo com respostas as três objeções contra essa oferta gratuita (p.413-414)

 Samuel Davies tinha pouco dinheiro e uma paróquia enorme, mas era contente com sua vida de estudar e pregar, influenciando muitos (p. 416). Morreu com 37 anos e suas pregações foram muito reimpressas e usadas (p. 417). Sua pregação era baseada em convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. (p. 418)

 No Século XIX, um tempo de grande mudança nas igrejas da Inglaterra e dos EUA (p. 424) temos três pregadores.

 Archibald Alexander procurava incentivar a promoção da piedade (p. 426), pregando sobre a fé e os frutos dela (p. 428-430). Pregava de forma sábia, biblicamente falando, ajudando pessoas no autoexame. (p. 430)

 Robert Murray M’Cheyne expunha a experiência do crente, estruturando a sua mensagem em três pontos, continuando duas causas (p. 433-434), aplicando de modo experencial as verdades bíblicas (p. 436).

 J. C. Ryle era um pastor dedicado, escritor dotado e um administrador muito eficiente (p. 439). Seus sermões eram requintados e floreados em estilo, pregando o verdadeiro cristianismo (p. 440), expondo o texto bíblico de maneira simples, clara (p. 441), franca e compreensível (p. 444).

 No século XX, mudanças surpreendentes aconteceram, desde tecnologia (ônibus espacial e computadores), sendo palco para muitos momentos na vida da igreja visível (p. 448) e de alguns pregadores experenciais.

 Gerard Wisse escreveu um livro sobre a importância da religião experencial, com base em que “conhecimento e experiência devem ser distinguidas, mas nunca separadas” (p. 450), aplicando um método simples que abordava toda a vida cristã (p. 451).

 David Martyn Lloyd-Jones pregava sobre a glória de Deus (p. 459), ensinando o que é a pregação e pregando a verdade da Escritura Sagrada (p. 460) com a unção do Espírito (p. 464).

**A pregação experencial hoje**

“De muitas maneiras, o pregador Reformado experiencial sempre anda numa corda bamba engraxada”, (p. 472) levando-o ao equilíbrio, mesmo num mundo desequilibrado (p. 475) abrangendo tanto elementos objetivos como subjetivos do cristianismo (p. 472).

 “Quando pregamos a verdade objetiva de uma maneira experiencial, fazemos mais do que apresentar proposições abstratas” (p. 477), representamos a Deus e precisamos no atentar a uma pregação evangelística (p. 478), devendo abordar os temas soberania de Deus e responsabilidade do homem (p. 479), sendo sinceros nessa proclamação (p. 480), sendo dirigidos pela Bíblia (p. 482), não se envergonhando dela (p. 484).

 A pregação experencial deve abranger elementos bíblicos, doutrinários e práticos (p. 489), para atingir o maior número de necessidades (p. 491), não se esquecendo do equilíbrio entre soberania de Deus e responsabilidade do homem.

 A aplicação começa com o pregador quando esse precisa ser íntimo com Deus (p. 498), estudante de livros (p. 502), estudante de pessoas (p. 504), quando ele está orando sempre em dependência do Espírito Santo (p. 507), falando naturalmente a partir do coração (p. 510), tudo isso com motivação pura (p. 512).

 “A doutrina de Deus e a doutrina do homem são dois pilares da pregação evangélica” (p. 518) que deve ser conduzida de forma experencial (p. 521), trazendo sobre os atributos de Deus (p. 522) e falando da verdade sobre o homem (p. 529) e sobre a ruína do pecado (p. 535).

 Pregar o evangelho ao coração é pregar evangelisticamente (p. 541), pregando à consciência (p. 565) pregando Cristo no poder do Espírito (p. 542). Para termos um sermão assim, algumas ferramentas podem ser usadas (p. 545-552) com a intenção de chamar pecadores a Cristo (p. 552), trazendo as verdades sobre a fé reformada (p. 553-557), produzindo uma fé mais consistente.

 Pregar com santidade é examinar “a justificação, a união com Cristo, o Espírito Santo, a guerra espiritual, a lei moral, o amor, a aflição, histórias bíblicas, o céu e a” incentivar a “humildade do pregador.” (p. 569)

 A justificação é a base da santidade (p. 569) que só pode ser alcançada com a união com Cristo (p. 572). A santidade dará aos pregadores o poder necessário a pregação (p. 574), entendendo a guerra espiritual como caminho de santidade (p. 576), sendo a lei moral uma de suas regras (p. 578), o amor como a alma da santidade (p. 581), a aflição como treinamento para a santidade (p. 583) e utilizando as histórias bíblicas como forma humana de santidade (p. 585).

 O Céu deve sempre ser pregado (p. 588), bem como a aspiração à santidade (p. 588), lembrando sempre que o pregador deve ser humilde e santo (p. 590).

**Conclusão**

 O livro se apresentou a mim como ferramenta poderosa para o entendimento do chamado do pregador, bem como indicando (histórica e faticamente) boas práticas utilizadas por pregadores, apresentando a pregação reformada experencial como a melhor forma de apresentação do evangelho.

 O resumo do livro pode ser dado na colocação de que “A essência da pregação é declarar a Palavra de Deus aos homens.” (p. 189)

 O livro traz a perspectiva histórica bem lustrada pelos mais diversos pregadores. Segue indicando que o equilíbrio é a principal regra de um pregador, trazendo as questões objetivas e subjetivas da pregação: soberania e responsabilidade, mostrando a pregação bíblica, doutrinária, experencial e prática como a melhor forma de se apresentar o evangelho. Termina apresentando algumas características práticas da vida de um pregador.